

ENSINAR E APRENDER LITERATURA NA ESCOLA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES E ALUNOS

Daniela Maria Segabinazi¹

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre a educação literária e a formação de professores de literatura no Brasil. O estudo tem por objetivo mostrar os resultados sobre o que os professores e alunos do ensino médio de uma escola pública, da rede estadual da Paraíba, compreendem a respeito do ensino de literatura, quais as crenças e conhecimentos dispõem para dizer sobre a leitura literária na escola e quais os objetivos e metodologias para o ensino-aprendizagem do texto literário. Para a abordagem da discussão foram nossos referências teóricas as OCNEM (2006), Rocco (1981) e Cereja (2005).

Palavras-chave: Ensino de literatura. Ensino Médio. Leitor.

Teaching and learning literature at school: what teachers and students say

Abstract: This article is a review of a broader research on literary education and teacher education in Brazil. The aim of the study is to show the results about what teachers and high school students of a state school in the state of Paraíba understand about literature teaching, what beliefs and knowledge have to say about literary reading in the school and what are the objectives and methodologies for the teaching-learning of the literary text. To address the discussion were our theoretical references OCNEM (2006), Rocco (1981) and Cereja (2005).

Keywords: Literature teaching. High school. Reader.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura, a formação de professores de literatura, a leitura literária na escola e a formação de leitores, paulatinamente, vem ocupando espaço nas páginas de dossiês de revistas, nas conferências e grupos de trabalhos de eventos e no considerável aumento de grupos e linhas de pesquisas que se espalham nas instituições de ensino do Brasil. Colaboram, ainda, para a propagação da relevância da literatura, da leitura de obras literárias e do ensino de literatura as campanhas, os clubes de leitura, as premiações, os blogs/vlogs e

¹ Universidade Federal da Paraíba (dani.segabinazi@gmail.com)

os youtubers/booktubers; enfim, podemos afirmar que há lugar e futuro para quem ama e ensina literatura.



Mas porque insistimos em dizer que não somos um país de leitores? Que nossos alunos e jovens não gostam de ler literatura? Que corremos risco no desaparecimento do ensino de literatura? Que a literatura está em perigo? Essas e outras perguntas continuam necessárias e, por essa razão, apresentamos uma amostra do que dizem professores e alunos sobre suas aulas de literatura no ensino médio, lugar em que a literatura se constitui como disciplina, componente curricular com carga horária determinada. Fizeram parte dessa pesquisa cento e cinquenta e três (153) alunos, dos três anos do ensino médio, de uma escola da rede estadual pública da Paraíba e seis (06) professores de Língua Portuguesa e Literatura da mesma escola. As questões² formuladas aos professores compreenderam temas que englobaram os saberes docentes sobre a função da literatura, metodologias de ensino, práticas de leitura literária e seleção de obras para a leitura dos seus alunos. Para os alunos, as indagações corresponderam também aos saberes desses jovens quanto ao entendimento e compreensão sobre a disciplina de literatura na escola: sua concepção e seus objetivos, as metodologias desenvolvidas pelo professor e a inserção do aluno nessas práticas; e, principalmente, o envolvimento com a leitura literária dentro e fora da escola.

Nesse sentido, passamos a mostrar os resultados sobre o que os professores e seus alunos compreendem a respeito do ensino de literatura, quais as crenças e conhecimentos dispõem para dizer sobre a leitura literária na escola e quais os objetivos e metodologias para o ensino-aprendizagem do texto literário, acrescido especialmente das sugestões e desejos de como os alunos gostariam que fosse sua aula de literatura na escola. Para a exposição dos dados, optamos por apresentar as respostas dos sujeitos da pesquisa em dois momentos, a primeira parte traz o conjunto de respostas dos professores e a segunda a voz dos alunos, acompanhadas de reflexões e análises a partir do referencial teórico pesquisado e apresentado em cada momento deste artigo.

² A coleta dos dados da pesquisa de campo utilizou o questionário como instrumento para obter informações dos professores e alunos, sujeitos da pesquisa.

SUJEITOS DA PESQUISA: OS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

O questionário dos professores foi composto por 16 questões, as quais tinham por objetivos reconhecer e detectar a situação do ensino de literatura no ensino médio, principais práticas e crenças docentes. Assim, a análise do questionário foi formulado a partir dos tópicos: trajetória da docência; concepções sobre a função e o ensino de literatura; metodologias de ensino e prática pedagógica; a leitura e os leitores adolescentes; e, posicionamentos sobre orientações atuais do ensino de literatura no ensino médio. Ressaltamos que alguns tópicos acabaram se sobressaindo em razão das respostas dos professores e do recorte que realizamos para este artigo.

Quanto ao perfil dos professores³ todos possuem formação em Licenciatura em Letras. Quatro professores possuem uma especialização ligada à educação e os demais não responderam se possuem ou não especialização. Quanto ao término da graduação, temos o Pa com finalização em 1975; Pb e Pc nos anos 80 e os demais nos anos 90. Os professores a, b, c possuem mais de vinte anos de carreira em sala de aula; apenas o Pd quatro anos e os restantes em torno de dez anos de prática no ensino médio; o que mostra um quadro de professores experientes e qualificados na área, tanto pela titulação adequada quanto pelo tempo de serviço.

A respeito das concepções sobre a função e o ensino, o questionamento foi: “Na sua opinião, qual a função da literatura no ensino médio?” Dentre as concepções descritas, três professores definem a função da literatura a partir do conhecimento que ela proporciona aos alunos sobre as formas de expressão (a linguagem literária), estilos e escolas literárias de tempos passados. Nesse sentido, o Pe afirma: “proporcionar ao aluno um conhecimento das diversas escolas literárias e seus principais autores e obras”. Assim, a questão colocada por estes professores é a preocupação com o saber sobre a linguagem literária como manifestação de uma época, como forma de expressão do homem em cada contexto histórico. Entretanto, professores mais antigos, como Pa e Pb,

³ Os professores foram identificados por letras Pa, Pb, Pc, Pd, Pe e Pf para que suas identidades sejam preservadas na pesquisa.

trouxeram discussões pertinentes às preocupações atuais, vejamos as afirmações:



A literatura é importante em qualquer nível; através dela, há uma reflexão sobre o mundo real - através do mundo da ficção. A leitura de clássicos, hoje, ajuda a compreender até os textos informativos que, vez por outra, empregam comparações com personagens dessas obras". (Pa)

Despertar o gosto pela leitura e levar o aluno apreender os conhecimentos da realidade do mundo, através da linguagem literária. (Pb)

Na fala do Pa percebemos a consciência da importância da literatura, independente de nível de ensino, aliás nos parece que a compreensão do docente extrapola o ambiente escolar. Para Pa a reflexão realizada sobre os livros de ficção permite a vinculação com o mundo real, isto é, a literatura permite estabelecer relações de diálogo com a realidade e isso permite o aluno avançar na dimensão formativa. Apesar de sucinta a colocação do Pa, percebemos a consciência de que a literatura não serve apenas para apresentar autores e obras, mas sim para apresentar o mundo em que vivemos e, nesse sentido, o professor orienta a problematização do texto para a reflexão. Ainda, outro ponto interessante é o exemplo dos clássicos como textos relevantes para a compreensão de outros textos que não literários; neste caso subjaz uma concepção teórica interdisciplinar e intertextual na fala do Pa.

O Pb alude ao objetivo do gosto pela leitura literária. Nesta resposta, constatamos a preocupação do docente em atingir os anseios dos alunos e também em dar à literatura um caráter mais próximo à realidade dos educandos, já que para ele a literatura oferece realidades a serem apreendidas. De certo modo, o Pc também acredita nessa função ao dizer que "é expandir o conhecimento humano"; porém acrescenta que isso é possível sem sair do espaço físico em que vivemos, aludindo a evasão do sujeito na leitura. Em suma, dois enfoques ficam nítidos sobre esse aspecto; o primeiro é a visão historicista da literatura e o segundo aspecto é a concepção sobre o conhecimento que a literatura proporciona ao educando. Tal definição aponta para a experiência de vida que pode ser reconhecida e vivenciada pelo leitor no processo da leitura, mostrando que os professores reconhecem a formação humana oferecida pelo texto literário.

A questão seguinte, propõe: “Qual (is) a(s) metodologia (s) utiliza para trabalhar com a literatura? Apresentamos respostas de três professores:

Trabalho a partir de textos do próprio livro didático e de outros que trago em folhas fotocopiadas. Deixo-os ler, discutir em grupos sobre as ideias do texto; depois vamos analisando juntos o que eles responderam com acréscimo das teorias necessárias para cada gênero. (Pa)

Normalmente há uma conversa sobre o assunto (tema), leitura, explicação, perguntas, por fim exercícios e correções comentadas. (Pd)

Análise, interpretando e aplicando os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações de acordo com as condições de produção e recepção, ressaltando a riqueza da linguagem literária, com suas representações diversas nos mais variados estilos e estéticas. (Pf)

Podemos perceber nas respostas que a aula de literatura é organizada a partir de leitura de fragmentos de textos do livro didático e de material xerografado, o que aponta para a quase inexistência da leitura de obras literárias integrais, confirmando a quase exclusividade do livro didático na sala de aula como programa escolar de literatura e instrumento de ensino. Aliás, no conjunto das respostas dos professores, eles justificam o compromisso com a periodização determinada pelo livro didático quando são unânimes ao dizer que utilizam como bibliografia teórica e literária apenas o livro didático, o restante fica por conta dos alunos ao encaminharem a pesquisa na internet. Além disso, os professores revelam em suas falas a falta de planos de ensino que objetivem o letramento literário quando citam apenas o livro didático, a internet e textos esparsos como recursos para ensinar literatura.

Sobre o uso do livro didático em sala de aula, este já tem sido alvo de muitas pesquisas na área de Língua e Literatura, mas interessante notar é a permanência de títulos e autores no mercado editorial e na escola. Maria Thereza F. Rocco (1981), em sua dissertação de mestrado, defendida em 1975, ao questionar os professores sobre o objetivo do ensino de literatura na escola secundária, já constatara a perspectiva do aperfeiçoamento humano e a aquisição da cultura, atrelados ao conhecimento histórico, porém aliada a essa função, ela também detectou o uso massivo do livro didático. Inclusive, sobre essa questão, a autora afirma:

[...] não há grande variação na escolha de livros didáticos e o que me pareceu mais sério e problemático foi o fato de que são adotadas as obras cujos títulos trazem as *palavras mágicas: comunicação e/ou expressão*. Tal fato ocorre tanto no 1º quanto no 2º grau (ROCCO, 1981, *grifos da autora*, p. 37).

Isto nos faz refletir que no campo do livro didático muito pouco mudou, afinal a seleção realizada pelos professores, atualmente, permanece determinada pelo nome de autores consagrados nesse segmento ou por denominações impressas na capa, como: conforme ou de acordo com os PCNs, ou então, com selos de recomendação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do MEC e, certamente, muito em breve conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa maneira, notamos que os professores procuram se desresponsabilizar sobre a escolha do livro, isto é muito claro nas falas Pc, Pd e Pf ao responderem a questão número onze (11): “Você adota o livro didático em suas aulas de literatura? Qual referência bibliográfica você adota? Por quê?”

Aula de literatura sem um suporte didático fica descompensador. A referência bibliográfica fica por conta do livro adotado pela escola. (Pc, grifos nossos)

O livro já estava sendo usado quando cheguei na escola. (Pd, grifos nossos)

Sim. Português: ensino médio, volumes 2 e 3/José Nicola São Paulo: Scipione, 2005. Livro adotado pela escola. (Pf, grifos nossos)

Podemos observar que os professores procuram fugir do compromisso da escolha do livro, eximindo-se da responsabilidade do material selecionado. As respostas nos encaminham para duas direções: ou os professores temem ser criticados pela seleção do livro didático ou simplesmente se desobrigam de conhecer critérios para a seleção, evidenciando inclusive total descompasso com os objetivos e as práticas metodológicas da sala de aula. Os demais professores apenas citam o título do livro didático adotado e não justificam a escolha do recurso didático para suas aulas de literatura.

Dentro dessa perspectiva, chamamos novamente a atenção para a pesquisa de Maria Thereza F. Rocco, evidenciando como é lenta a mudança

das práticas escolares. De acordo com a autora, ao questionar os professores sobre a abordagem metodológica, eles indicaram o uso de roteiros de trabalho e a utilização acentuada do livro didático:

O que variou foi o tipo e natureza dos roteiros: apareceram três modalidades, cujas diferenças eram claramente perceptíveis: um primeiro, com preocupações eminentemente de escopo gramatical; outro, mostrando já aspectos de consciente trabalho com texto literário, ainda sem definições e objetivos muito claros; finalmente, o terceiro tipo, definido por alguns professores que afirmaram não terem conseguido sistematizar ainda um roteiro de análise de textos e obras, isto porque seguem sempre os roteiros dos livros que adotam. (ROCCO, 1981, p. 39)

As metodologias de trabalho expostas na citação indicam a presença da gramática no estudo do texto como pretexto para ensinar a língua. Esse tipo de prática foi bastante criticada na década de 80, professores e pesquisadores da academia publicaram obras e artigos combatendo o utilitarismo do texto literário, entre eles Marisa Lajolo (1993), João Wanderley Geraldi (2001) e Edmir Perroti (1986). Muitos outros também o fizeram, condenando a prática da simples utilização do texto literário para estudar aspectos da língua, desconsiderando a linguagem literária e as questões estéticas da obra; então, iniciaram a defesa do estudo da literatura a partir da formação do gosto do leitor.

Nessa trajetória de mudanças do ensino de literatura encontramos avanços em suas metodologias, pois já não vemos mais tanta ênfase da gramática nos textos literários, como modelos de escrita e linguagem culta ou mesmo como exemplos para o ensino de gramática. Também não vemos mais roteiros de leitura acompanhando as obras de ficção. Os professores pesquisados, inclusive, apresentam alternativas interdisciplinares para trabalhar o texto literário citando o uso de outros suportes para a análise e interpretação das obras, evidenciando que os resumos, fichas de leitura e o estudo da gramática não estão mais presentes em suas aulas. O próprio objetivo e a função dada à literatura por eles é um indicativo que estão procurando variar as abordagens do texto de literatura, aliás uma demonstração de que estão alterando seus modos de dar aula pode ser verificada na resposta do Pb ao mencionar que procura dar dinamicidade à sua aula: “Livro didático, aula de vídeo e filmes, músicas. *Procuro dar uma aula mais dinâmica chegando a cantar, recitando, despertando à sensibilidade dos alunos e relacionando os textos a realidade deles*” (grifos nossos).

Ainda que os professores pontuem a história da literatura, estilos de época, momentos de afirmação e superação da literatura, de consolidação e ruptura com conteúdos abordados, aparece também preocupações com a reflexão sobre o mundo real, aliás, o professor Pf, ao dar a resposta sobre o trabalho com obras contemporâneas, não pertencentes ao cânone literário, faz uma afirmação interessante:

“Abordo também os autores recentes, pois literatura deixou de ser peça de museu, deixou de se assemelhar a obituário ou álbum velho de fotografias para transformar-se em desafio, em conquista, em conhecimento significativo, que faz o adolescente compreender melhor o mundo em que vive”.

Em primeiro lugar essa afirmação reaviva e presentifica a literatura, atualizando o texto literário e deixando a visão do passado para trás, isto é, nos parece que o professor quis dizer que a literatura deixa de ser vista apenas como objeto produzido e compreendido sob a perspectiva historicista e escolar; e, em segundo, ao trabalhar com obras recentes, mostra que a literatura não é apenas parte do passado, mas, sobretudo, é um desafio para o ensino-aprendizagem do aluno, pois precisa ser apreendida significativamente.

Em síntese, todos os professores, apesar de se orientarem pela disposição tradicional da historiografia literária, evidenciaram iniciativas de transformações em suas práticas, validando um sentido para a literatura quando expressam os vínculos entre o antigo, o clássico, o passado e a realidade dos alunos. Talvez esteja presente nessa concepção o sentimento e o desejo de atender às expectativas dos alunos, aproximando obra e leitor na perspectiva da teoria da recepção e do método recepcional. Cremos que esta atitude dos professores advém da circulação dos discursos sobre a aproximação da obra com seu leitor, sobre considerações a respeito dos conhecimentos prévios dos alunos, enfim, de orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de diálogos com seus pares e mesmo do Manual do professor presente nos livros didáticos, já bastante atualizados em seus discursos.

Agora vamos nos debruçar sobre o que pensam os professores sobre seus alunos, jovens leitores, do ensino médio. As questões que se destinaram a discutir esse tópico solicitaram que o professor responda: “Em geral, seus alunos gostam de ler textos literários? Por quê?” e “Qual a reação deles diante

da leitura de obras literárias?” As respostas obtidas são desestimuladoras, todos os professores integrantes da pesquisa afirmam o desinteresse dos alunos pela leitura, que eles atribuem aos seguintes motivos: para Pa é a “preguiça de ler (...), de refletir, raciocinar, descobrir as ideias no texto”; para Pb é porque “nunca foram estimulados na alfabetização”, além disso o gosto para este professor é estimulado na prática familiar; para Pc “a cultura brasileira não estimula a leitura. Os livros tem custo elevado e inacessível para o povão”; já para Pe “porque não tem o hábito da leitura e às vezes por não ser capaz de entender o sentido de uma obra ou de um texto literário”; as demais respostas corroboram as aqui ilustradas.

Talvez possamos agregar às justificativas dos professores às próprias respostas que deram quando perguntados sobre a reação dos alunos diante da leitura de obras literárias. Identificamos e confirmamos que não há uma orientação para a leitura literária, não há objetivos delineados para esta atividade e nem um planejamento (nem mesmo roteiro) que organize uma proposta de leitura para o aluno. Talvez isso esclareça parte da falta de interesse dos alunos em procurar ler literatura. O Pa deixa simplesmente livre a escolha, segundo ele: “Pergunto se estão lendo, se estão gostando... Às vezes entregam sem terem lido, outros comentam que gostaram”. Outra resposta, afirma “É descoberta. Alguns acham gratificante e até agradecem por eu ter adotado uma leitura como “obrigatória” e ter sido o primeiro livro lido na sua vida. Mas, no sistema que estimula os alunos a obterem “notas” e não o conhecimento torna ineficaz este trabalho. (Pc)

As respostas dos professores indicam que por vezes a leitura das obras gera admiração e descoberta e em outros momentos muitas dificuldades, ficando implícito a tímida apresentação do livro ao aluno. Nos parece que essa relação de empatia é pouco presente no ensino ao destacarem que “uns” ou “alguns” gostam quando de fato interagem com a obra, ou seja, quando de fato leitor e texto se encontram. Por outro lado, um problema fica subentendido: a denúncia do sistema de “notas” em que o próprio professor não se percebe como o sistema ou parte dele, inclusive confessando a ineficácia “talvez” de suas aulas, já que não é possível aprofundar o conhecimento.

SUJEITOS DA PESQUISA: OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

O intuito desta parte da pesquisa foi coletar dados referentes à leitura literária e seus leitores, às práticas escolares do ensino de literatura e, sobretudo, conhecer e compreender o que os alunos pensam sobre o que é literatura e qual sua importância ou função na escola, já que todos eles devem estudá-la no ensino médio. O objetivo foi desenhar um perfil de leitores e leituras e confrontar os dados coletados na pesquisa com os professores. Dessa forma, partimos ao ponto sobre leitura e livros de literatura, delineando quem é esse leitor. Os alunos entrevistados correspondem a faixa etária entre 13 a 20 anos de idade (apenas dois alunos com mais de 20 anos e um com 44 anos), apresentando uniformidade na faixa etária e contemplando a representação social dos jovens leitores.

A primeira questão indicava apenas a preocupação em constatar se os jovens gostavam de ler e o porquê, independente de tipos e suportes de leituras. Assim, indagamos: “Você gosta de ler? Por quê?” Inicialmente, identificamos que a maioria dos alunos gostam de ler (80%), como também constatara Maria T. F. Rocco e Willian Cereja (2005), porém não gosta de ler livros literários (80%). Os motivos elencados pelos alunos para o gosto de ler são inúmeros, entre eles os principais são: ampliar o conhecimento, melhorar a aprendizagem e manter-se atualizado, informado sobre a realidade. Além disso, pontuaram questões ligadas à gramática como melhorar o vocabulário, pronunciar corretamente as palavras, escrever corretamente e decifrar os sentidos do texto.

Outros focos da importância da leitura ou mesmo das motivações que os levam a gostar de ler são o conhecimento de mundo e a compreensão sobre a vida que o mundo da leitura oferece; como dizem esses estudantes do terceiro ano: “porque além de ser algo prazeroso, a leitura nos proporciona um grande crescimento intelectual que amplia nossa visão e entendimento de tudo ao nosso redor” (17 anos); e, “acho que você cresce como pessoa, tem uma visão melhor da vida” (17 anos). Um último ponto para este conjunto de justificativas é o sentido de fruição, do prazer gerado pelo ato da leitura, que alguns alunos definiram como calmante, relaxante, esquecimento dos problemas, viagem ao mundo da imaginação e diversão; exemplificado pelas respostas: “Sim, pelo fato de trazer cultura e fatos vivenciados no dia-a-dia, e liberar em nosso pensamento imaginações criativas” (17 anos); e “Sim, porque quando eu começo a ler esqueço dos meus problemas, e me sinto melhor” (14 anos).

Contudo, quando a pergunta sobre leitura é direcionada para a obra literária, então vemos que o gosto pelo gênero passa a ser insatisfatório, isto é, há poucos que leem literatura por prazer, com gratuidade, pois a maioria afirma

ler apenas quando o professor solicita. Ainda questionados se leem obras literárias, quando o fazem e o que acham sobre essas leituras, descobrimos que, apesar da maioria dos alunos dizerem que leem as obras, o percentual dos alunos leitores de literatura passa a ser menos de um terço dos pesquisados. As razões para não lerem as obras literárias se resumem: “Não. Eu acho muito chato porque não consigo entender”; “Não. Porque muitas vezes não gosto dos temas abordados, além do vocabulário que é difícil de entender”.

Quanto aos jovens que dizem ler obras literárias, temos dois grupos: o primeiro é formado por uma minoria que gosta de ler em tempos livres e gratuitamente; o segundo grupo é composto pela maioria que lê as obras por obrigação escolar. Nesse sentido, destacamos algumas afirmações dos alunos do primeiro grupo, já que os demais realizam as leituras porque o “professor manda”:

Sim, quando estou viajando, acho super interessante a forma que alguns autores proporcionam a capacidade de elevar a imaginação.

Sim. Quando começo a ler um livro eu não vejo mais nada, apenas o enredo da trama e todo e qualquer tempo livre que tenho é dedicado a ler o livro e terminar a história.

As respostas dadas pelos estudantes consideram a literatura algo interessante e que estimula a imaginação. Quando perguntados em outra questão: “Quando você lê os livros de literatura o que destaca como mais importante neles?” , esses mesmos alunos acreditam que o mais importante são, em ordem de importância: os fatos, a história em si, o enredo; o conteúdo, o assunto e o tema somados a ideia de lição de moral e mensagem do texto; a linguagem; o contexto retratado pela obra; os personagens e, por último, apenas um alunos destaca as características da obra e o estilo literário, como podemos constatar nas respostas a seguir:

O sentimento que o autor quer me passar com aquela determinada história, e relação que eles tem com a vida real.

Os personagens me fazem olhar para dentro de mim, fazendo com que encare meus medos, meus erros e meus defeitos.

Esse grupo de leitores revela a forma de participação na leitura, valorizando a natureza do texto literário e a emoção vivenciada no ato da leitura. Esses depoimentos abarcam as funções da literatura e os efeitos causados no

leitor, evidenciando a importância da obra literária na vida de nossos alunos. Desse modo, entendemos, de acordo com Vera Aguiar e Maria da Glória Bordini, que:

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade. É por essa característica que tem sido acusada, ao longo dos tempos, de alienante, escapista e corruptora, mas é também graças a ela que a obra literária captura o leitor e o prende a si mesmo por ampliar suas fronteiras existenciais sem oferecer os riscos da aventura real. (1993, p. 15)

Por outro lado, outras respostas correspondem à lição de vida que a obra proporciona, como diz esse estudante: “a história, o modo como é contada, o tipo de livro literário e toda a construção da obra (incluindo realidades sociais)”.

Ampliando o perfil do aluno leitor do ensino médio, apresentamos algumas respostas para os próximos questionamentos da pesquisa: “Cite os livros que você leu recentemente para as aulas de literatura” e “Que autor e/ou obra você recomendaria a leitura? Por quê?”. Primeiro apresentamos a lista dos livros solicitados pelos professores para as aulas de literatura; ressaltamos a variedade de títulos: *Usina* (31⁴); *Casa de Pensão* (20); *Quincas Borba* (9); *Nova antologia poética, de Vinícios de Moraes* (5); *O cortiço* (4); *Senhora* (4); *A moreninha* (4); *Crepúsculo* (4); *Lua nova* (4); *Eclipse* (3); *Dom Casmuro* (3); *Vidas Secas* (2); *O anjo* (2); *O pagador de promessas* (2); *Dom Quixote* (2); *O Ateneu* (2); *Memórias de um sargento de milícias* (2); *Menino de Engenho* (2); e com apenas um leitor temos: *Amanhecer*; *Sol da meia-noite*; *Pollyana*; *Pollyana moça*; *O garimpeiro*; *Marley e eu*; *Criadores da terra*; *Memórias póstumas de Brás Cubas*; *O mistério das cinco estrelas*; *A mão e a luva*; *Alma inquieta*; *Memorial do convento*; *As aventuras de Xisto*; *Romeu e Julieta*; *Iracema*; *O sol da terra*; *Macau*; *Aluno brilhante, filho fascinante*; *Moleque Ricardo*; *O coração roubado*; *Sonhos de uma noite de verão*; *O anel dos nibelungos*; *Alice no país das maravilhas*; *Namoro*; *O que toda a mulher*

⁴ O número ao lado de cada obra corresponde ao número de alunos que citaram o título da obra.

inteligente precisa saber; Poemas de Cecília Meireles; Os mistérios de um beija flor; O veneno do escorpião; Sherlock Holmes; Viagem ao centro da terra; A bagaceira; Guerra de Canudos; a Bíblia, literatura de cordel, gibis e mangás.

Como dissemos, nesta lista há uma diversidade de títulos, sendo que apenas dezoito obras são citadas por mais de um aluno e as demais por um único leitor. Outro dado relevante é a citação da literatura de cordel, a Bíblia, o Gibi e o Mangá, além de títulos considerados *best seller* como *Lua Nova* e *Crepúsculo*. Isso nos faz crer que os alunos não ficaram restritos às obras solicitadas para a aula de literatura, pois o número de leitores para cada obra justifica a não obrigatoriedade dessas leituras.

A pesquisa de Alice Vieira (1989) com alunos do ensino médio, na década de 80, também revela e corrobora o que os nossos alunos dizem ainda hoje sobre suas preferências, mostrando que o gosto não se alterou muito nestas duas últimas décadas. Por isso, concordamos com a autora ao dizer que:

A escola deve privilegiar e estimular a leitura de obras ficcionais, cujo valor estético e literário pode ser avaliado e compreendido, em trabalhos pedagógicos desenvolvidos em sala de aula. Com isso não estamos afirmando que somente obras de autores clássicos ou consagrados pela história da literatura devam frequentar a sala de aula. Gostaríamos de reafirmar nossa posição de que o estudo de literatura, nas escolas, deveria iniciar-se com autores contemporâneos, em suas obras, abordam temas mais próximos das preocupações existenciais de nossos jovens. Além disso, tais obras, por sua linguagem atual, embora elaborada, tornam-se mais acessíveis aos adolescentes. (VIEIRA, 1989, p.45-6)

Desse modo, as respostas avaliadas até aqui evidenciam que os alunos compreendem o valor da leitura e aguardam por experiências de letramento literário que sejam significativas, atendendo, primeiramente, a seus horizontes de expectativas. Com efeito, os jovens leem e acenam suas preferências de acordo com suas necessidades, por isso, em meio a títulos para o ensino médio ainda detectamos livros infanto-juvenis como: *O pequeno príncipe; Pollyana; Pollyana Moça; Frankstein; Alice no país das maravilhas; Harry Potter; Saga do Crepúsculo; Saga do Crepúsculo; O primeiro Beijo; Pássaro contra a vidraça*.

Outras questões retomam perguntas feitas aos alunos do secundário na pesquisa de Maria T. Rocco (1981), na década de 70, e por William Cereja

(2005), em 2002; são elas: “Para você o que é literatura?” e “Na sua opinião, por que você estuda literatura?” O intuito foi confrontar dados de pesquisa e observar alterações nas respostas. Assim, os resultados no trabalho de M. T. Rocco (1981) destacam que para os alunos fica evidente mais a finalidade do ler do que ser a leitura/literatura “algo em si” (ROCCO, 1981, p. 50), ou seja, eles percebem mais claramente que a leitura literária serve para alguma coisa do que concretizar um conceito de literatura. Na concepção de literatura, fica patente que a maior parte não sabe defini-la; os demais compreendem o termo como arte; conhecimento das obras e regras literárias; conhecimento da vida literária, dos autores e obras; leitura e estudo de textos; etc. Conforme a autora:

É satisfatório verificar que muitos já percebem, ainda que de maneira elementar, certas características básicas pertinentes à literatura. Além de conseguirem pensar *valores literários* colocados ou enfocados numa hierarquia coerente, chegam até a estabelecer algumas relações formais do texto: acham *importante* a maneira do autor dizer as coisas, estabelecem certas ligações sonoras e mesmo plásticas. (ROCCO, 1981, p. 55)

Ainda, sobre a definição, os alunos também destacam mais a função da disciplina na sala de aula do que seu conceito e conseguem perceber o ensino de literatura como uma forma de ampliar sua cultura; educar-se e falar corretamente; abarcando o conhecimento da historiografia literária ao dizerem que ela serve para conhecer os acontecimentos do passado, compreender os autores e estilos literários, analisar e criticar autores, seu ponto de vista e suas obras.

Podemos afirmar que os alunos envolvidos em nossa pesquisa não diferem do perfil delineado em Maria T. F. Rocco (1981). Basicamente, as respostas se limitam a três definições: estudo de autores e obras literárias (historiografia), destacando o passado, reproduzido como meio de expressão de uma época e sociedade, incluindo o posicionamento do autor sobre estas questões; o conjunto de obras e histórias expressa pela arte como “arte da palavra”, “arte da escrita”; e, por último, o aprendizado da língua portuguesa, obras para a leitura e aprendizagem da escrita. Todavia, em número menor, houve aqueles que disseram ser apenas uma matéria escolar, estudo de livros paradidáticos e produto da imaginação.

Nesse sentido, parte das respostas também corresponde aos resultados de Willian Cereja (2005), diferindo apenas nos conceitos que abarcam a expressão

de sentimentos e pensamentos, quase inexpressiva nas respostas dos nossos alunos, ou seja, poucos entenderam o conceito a partir dessa visão. Alguns cruzamentos entre as respostas apontam para a função formativa da literatura, traçando o caráter da cultura e do conhecimento como elementos importantes na obra literária. Incluem-se, nesse caso, as seguintes respostas dadas pelos alunos da nossa pesquisa:

É uma arte de compor trabalhos artísticos, um conjunto dos trabalhos literários de um país. (14 anos, 1º ano)

Linguagem, compreensão e características dos textos, sejam eles contemporâneos ou das diferentes escolas literárias. (17 anos, 3º ano)

Na minha opinião, literatura são fatos do passado do nosso país contados de outras maneiras e expressados por grandes escritores. (18 anos, 3ºano)

Esses dados demonstram que os alunos veem na literatura um conjunto de obras que contam o passado e são marcadas por estilos diferenciados de acordo com seus escritores. Conseqüentemente, podemos chegar à conclusão de que essa percepção é dada pelos conteúdos e metodologias utilizados em sala de aula, até mesmo pelos livros didáticos, como vimos nas respostas de seus professores anteriormente. Poucos foram aqueles que amarraram o conceito ao ato do prazer e gosto pela leitura literária, como expresso nas palavras desse estudante: “é um tipo de manifestação artística, arte da palavra, de criar e que tem o objetivo de despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético” (15 anos, 1º ano).

Para completar a discussão, vimos como os alunos dão sentido à disciplina de literatura no ensino médio, qual o valor atribuído no currículo escolar. Constatamos que um terço dos pesquisados não identificam o sentido da disciplina, porém entre aqueles que vislumbram o espaço da literatura na escola como algo importante e necessário, as razões se expressam de três modos: a primeira, para a maioria e, especialmente, para os alunos do primeiro ano, está o estudo da língua portuguesa, da leitura e da escrita. Nesse sentido, elencamos duas afirmações:

Para que eu possa gostar mais de ler e para que eu possa praticar mais a língua portuguesa que é esquecida por muitos hoje em dia. (15 anos, 1º ano)

Para nos ajudar entender a escrita e pronunciar as palavras corretamente e assim aprimorar nosso vocabulário. (15 anos, 1º ano)

A segunda justificativa se inscreve na intelectualidade, no conhecimento e no sentido de absorção de uma cultura, tornando-os mais cultos. Verificamos que este grupo de respostas não aprofunda a discussão; a problemática fica proposta no âmbito do conhecimento adquirido, sem definição ou explicação desse conhecimento. Por fim, o último aspecto levantado pelos alunos é identificação com a história da literatura.

Esse dado ratifica as pesquisas já mencionadas aqui, de Maria F. Rocco, na década de 70 e de Willian Cereja, em 2002. Além disso, reafirma o ponto de vista expresso nas OCNEM (2006), de que o ensino de literatura tem trabalhado conteúdos valorizados no âmbito escolar, sobrecarregando o aluno com informações dos estilos e períodos literários e, principalmente, alavancando o estudo de fragmentos e resumos com memorizações e facilidades.

O último bloco de questões nos mostra os métodos, as atividades de ensino e de aprendizagem, o uso de material didático e as avaliações realizadas nas aulas de literatura, com ênfase para o seguinte questionamento: “Destaque o que lhe agrada e desagrada nas aulas de literatura” Observamos um quadro de repostas bastante limitado: primeiro um grupo de respostas em branco, depois um grupo de alunos que simplesmente acham boas ou chatas sem justificar sua opinião; o terceiro grupo destacou a atuação profissional do professor e, por último, o grupo que pontuou sua opinião sobre os conteúdos e/ou práticas das aulas; restando algumas respostas variadas e isoladas.

Acreditamos que os dois primeiros grupos evidenciam as dificuldades que os alunos possuem de perceber e entender as aulas de literatura. O fato de simplesmente acharem boas ou chatas mostram que não há um significado muito importante para eles nessas aulas e, por isso, não conseguem também descrever como são ministradas as aulas. Este mesmo grupo, quando solicitado a opinar sobre as aulas, destacando o que agrada ou não, deixam as questões em branco e os poucos que respondem atribuem seu desagrado principalmente à linguagem do texto (antiga e difícil para eles) e a metodologia do professor,

enquanto que lhes agrada saber os assuntos sobre os livros e a história literária e a oportunidade de debater o assunto.

t.

As respostas que correspondem ao papel do professor na sala de aula confirma a importância desse profissional no estímulo ao gosto por essas aulas. Vejamos algumas afirmações sobre o assunto:

Boas porque o professor interage com os alunos, brinca e com essas dinâmicas, pelo menos na minha opinião, tenho facilidade em aprender. (16 anos, 3º ano)

São boas, pois o professor além de explicar leva os alunos para assistir os filmes relacionados ao livro estudado. (16 anos, 3º ano)

Bom, acho o professor muito engraçado. Ele transmite muita emoção no texto quando está lendo. (18 anos, 3º ano)

Novamente constatamos que foram os alunos do terceiro ano que, em bloco, apontaram o professor como principal apoio para que as aulas de literatura se tornassem interessantes. Isso fica mais evidente quando assinalam o que mais lhe agrada nas aulas:

O que mais me agrada é quando há o momento de leituras das poesias, e o que desagrada é quando as aulas ficam monótonas, por mais que goste de poesias, quando as leituras ficam morgadas, desagrada-me muito. (17 anos, 3º ano)

O que mais me agrada: o desempenho do professor, a forma que ele tenta repassar a literatura para nós, bem extrovertido e alegre; o que mais me desagrada: os alunos fazendo barulho. (17 anos, 3º ano)

Gosto de tudo. O professor se empolga tanto que se torna fantástica a aula dele, eu pelo menos Amo. (17 anos, 3º ano)

Nas demais turmas a figura do professor pouco é mencionada. Sobre as práticas citadas dizem: “O professor cita as obras, fala sobre o período como era a sociedade, como que eles pensavam, mas nem sempre a gente lê as obras”. (17 anos, 3º ano); e “São legais, aprendemos um pouco da vida de cada autor literário e da história da literatura. O que me agrada e saber tudo o que se passou e as histórias da vida dos autores. E o que me desagrada são alguns textos um pouco chatos” (18 anos, 3ºano), evidenciando que o principal conteúdo é a historiografia literária a partir de aulas expositivas.

Outra vez detectamos maior participação dos alunos do terceiro ano, com isso reconhecemos que estes alunos estão mais próximos da literatura, sabem perceber alguns conteúdos literários e conseguem reconhecer melhor os conceitos provenientes da teoria, da história e própria crítica. As turmas do segundo ano são alunos do ensino noturno e, infelizmente, constatamos que há um imenso descaso com eles, que aumenta as carências e as lacunas do ensino de literatura no ensino médio; de acordo com poucos depoimentos que conseguimos obter, temos as seguintes respostas: “O professor falta muito! Acho uma chatice, Xaticice” [chaticice]! (19 anos, 2º ano) e “Por ser no turno da noite, as aulas são bem ralas, no caso falta sal nas aulas, ou seja, uma cobrança maior daqueles que estão ensinando”. (16 anos, 2º ano).

Por outro lado, as turmas do primeiro ano são do turno diurno e também apresentaram desconhecimento quanto à disciplina de literatura. Eles se enquadram no primeiro grupo em que situam as aulas entre chatas, monótonas, boas e legais sem muitas explicações e justificativas. Em proporções menores, percebemos alguns alunos citando a história dos autores e obras e apenas um aluno citando os gêneros literários, como tema de estudo. Também, nesse grupo, alguns alunos disseram desconhecer que tinham aulas de literatura: “Não sei porque na escola não tem aula de literatura” (15 anos, 1º ano) ou “São ótimas sempre, aprendo cada dia um pouco mais sobre gramática” (14 anos, 1º ano).

Consolidando a averiguação, referente aos primeiros e segundo anos, a questão “Já estudou a história da literatura? Achou importante? Por quê?” nos mostra que os alunos do segundo ano, em sua grande maioria, deixaram em branco ou responderam negativamente; os poucos que afirmaram ter tido aulas sobre a história literária demonstraram em suas justificativas que desconhecem o significado desses termos, como: “Sim. Sim. Porquê a literatura é importante hoje para o nosso futuro” (15 anos, 1º ano) ou “Sim, sempre é importante, pois é um assunto que vamos levar para toda a vida” (14 anos, 1º ano). Apenas alunos do terceiro ano oferecem respostas mais consistentes e mais elaboradas sobre o tema, correspondendo a um estudo mais sistemático da literatura a partir da periodização, como podemos observar nas seguintes respostas:

Sim, é importante porque o contexto histórico mostra cronologicamente fatos, não da literatura, mas no campo de outras disciplinas e ciências, que coincidem e então entende-se tudo com

„um”. (17 anos)

Sim, já estudei. Achei importante porque estudamos a literatura e suas características desde a antiguidade e percebemos as mudanças até os dias atuais. (16 anos)

Já estudei a história e achei importante, pois temos a chance de aprender um pouco mais sobre nossas origens, conceitos e culturas. (16 anos)

Para finalizar essa conversa com os alunos, passamos a questão que pode nos mostrar um caminho para a escolarização da literatura que se aproxime mais dos desejos do estudante do ensino médio. Assim, ao perguntamos: “Como seria uma aula ideal de literatura para você?”, em síntese, eles responderam:

Com muitas imagens e assuntos atualizados; ler livros e depois contar a história para a sala; com bastante perguntas do professor e não só leitura; que falasse dos autores só da Paraíba; com a introdução de obras de minha escolha e o comentário sobre ela; uma aula ministrada com outros recursos, que não só o livro didático; com visitas a museus e exposições; assistir filmes e ouvir músicas; um professor exclusivamente para essa matéria; lendo livros no pátio; aulas de campo; com peças teatrais; com bastante leitura; com excursões para cidades históricas e museus; com seminários sobre os autores; com filmes e debates; com assuntos atuais; com leitura e debate sobre as obras; etc.

Sendo a formação do leitor e a humanização do homem os principais objetivos do ensino médio, essas respostas podem apresentar um caminho para a consolidação do que desejamos no ensino de literatura. Os alunos apresentam neste rol de sugestões métodos e recursos didáticos que promovem a interação professor aluno, dando mais dinamicidade às aulas. Observamos que os alunos desejam se libertar das aulas monótonas e repetitivas e querem mais interação com a leitura das obras e suas revisitações em filmes, teatros, exposições, aulas de campo, admitindo com isso as relações intertextuais e interdisciplinares. É preciso reconhecer nessas propostas a mediação do professor e de outros meios de acesso ao conhecimento da literatura, como museus e filmes. Outro ponto levantado pelos alunos é sua intervenção nas escolhas de leituras, demonstrando que querem participar desse processo formativo, pois gostam de ler. Muitos apontaram a leitura de obras em diversos

espaços e com formas variadas de apresentação, principalmente pelo debate e discussão dos textos literários e não do livro didático.

t.

Para finalizar e fechar nossa pesquisa com os alunos, destacamos algumas respostas que consideramos interessantes e apropriadas para refletir e revisar as aulas de literatura na escola e, por extensão, no ensino médio.

Cada um trazia um livro de sua casa e lia na sala de aula, os que não trouxessem pega um na biblioteca e lia do mesmo jeito. (15 anos, 1º ano)

Cada aluno escolheria o seu livro e depois de cada leitura, os alunos deveriam avalia-lo criticando ou elogiando a obra. (16 anos, 1º ano)

Seria ótimo se pudéssemos ler obras famosas, assistir filmes baseados nessas obras, e até mesmo fazer algum tipo de trabalho envolvendo a literatura. (16 anos, 1º ano)

É indiscutível nessas respostas a necessidade que os alunos sentem de fazer suas próprias escolhas ou de pelo menos ter a chance de participar nessa formação literária. Também é perceptível a vontade de ler obras literárias e avaliá-las, discutindo e debatendo entre os colegas e professor. Considerando todos os dados colhidos para esta última questão, é claro que nem tudo pode revelar uma excelente aula de literatura, contudo são indícios de que algo precisa mudar, e isso perpassa a metodologia do professor e sua relação com os alunos em sala de aula, seu papel de mediador de leituras.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Até aqui podemos acompanhar um estudo a partir de respostas dos professores e seus alunos sobre o ensino de literatura. Obviamente que é uma amostragem de uma escola pública, porém é suficiente para afirmar que alguns avanços já podem ser percebidos. As respostas, embora apontem para modelos tradicionais de ensino, também mostram elementos novos no ensino, afinal os professores evidenciam suas preocupações com o leitor, com suas aulas e,

principalmente, com práticas que possam favorecer a compreensão do texto literário.

t.

Também constatamos nas respostas dos alunos a preocupação com a leitura, com a necessidade e importância do ler. Mesmo que ainda possa parecer pouco o número de alunos que lêem obras literárias, vislumbramos uma mudança no comportamento do leitor, na compreensão e interação com os livros que dizem ler. Observamos que os alunos constroem repertórios de leitura, especialmente, quando há um trabalho sistemático do ensino de literatura. Esse resultado é perceptível no conjunto de resposta dos alunos do terceiro ano, em que foi constatado um trabalho efetivo e contínuo com a literatura na escola, enquanto os demais anos (primeiro e segundo) pouco ou nada tiveram na disciplina.

Por fim, ouvir professores e alunos nos oportunizou conhecer melhor a realidade da escola, do ensino noturno e diurno, da formação docente e suas práticas e crenças, das motivações que levam os jovens a ler obras literárias ou não, das preferências dos alunos e dos conhecimentos que possuem sobre literatura. Acreditamos que é essa é uma das melhores formas de saber sobre o ensino de literatura e encontrar caminhos alternativos para avanços na escola, particularmente, no êxito da formação de leitores.


REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira (org.). *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio*. Volume 1: Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Capítulo 2, *Conhecimentos de Literatura*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

GERALDI, João W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2001.



LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto* In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p.51-62.

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura/Ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

VIEIRA, Alice. *O prazer do texto: perspectivas para o ensino de Literatura*. São Paulo: EPU, 1989.

Recebido em 11/10/2018
Aprovado em 02/01/2019